

O USO DO “X” COMO MARCA DE GÊNERO NO FACEBOOK®: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

THE USE OF “X” AS GENDER MARKING ON FACEBOOK™: A SOCIOLINGUISTIC ANALYSIS

Aion Roloff¹

Ana Carolina Ramos²

Fernanda Cristina Lopes³

Lizandra Maia Goulart⁴

Pamela Cristine de Oliveira⁵

RESUMO: Este artigo pretende apresentar uma discussão sobre o uso da marcação “x” na rede social Facebook®. Iniciamos fazendo um estudo sincrônico da marcação de gênero no português brasileiro, focando mais especificamente nos casos em que há o uso de “x” efetuando esta marcação. Tentamos, ao longo do texto, entender: a) as motivações do uso dessa marcação; b) quem a faz; c) o que a linguística teria a declarar sobre o tema e d) tentar minimamente defender o nosso ponto de vista sobre a discussão.

Palavras-chave: sociolinguística; flexão de gênero; redes sociais.

ABSTRACT: This article aims at presenting a debate about the use of "x" as a gender marker in social networks, such as Facebook™. It begins by making a synchronic analysis on the gender suffixes in Brazilian Portuguese, especially in the situations where "x" is used as a marker. Throughout the article, we try to understand and show: a) the reasons why such suffix is used; b) who uses it; c) what Linguistics as a science would say about that and d) a minimal endorsement of our point of view on the matter.

Keywords: gender marking; sociolinguistic; social networking.

¹Graduando em Letras, UFPR.

²Graduanda em Letras, UFPR.

³Graduanda em Letras, UFPR.

⁴Graduanda em Letras, UFPR.

⁵Graduanda em em Letras, UFPR.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo inicialmente faz um estudo sincrônico da marcação de gênero no português brasileiro, debruçando-se mais especificamente sobre os casos em que há o uso do “x” efetuando esta marcação. Nosso corpus advém de uma coleta de dados feita entre junho e agosto de 2013 na rede social Facebook®, partindo da coleta de um pequeno grupo de dados — que nos serviu de base para essa análise — buscando tentar entender: a) como é feito esse uso; b) por que e por quem; e c) quais as justificativas para tanto.

Este trabalho parte de uma visão sociolinguística, isto é, buscamos fazer essa análise optando por um viés sociolinguístico para tentar entender a razão do uso do “x”. Mas o que é a sociolinguística?

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua, fala observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIN, 2006, p. 31).

É aqui que entra o objetivo mais geral deste estudo. Nos detivemos a analisar uma variável linguística em registro escrito nos meios de comunicação digitais instantâneos — devido ao advento das novas mídias e ao crescimento da internet —, investigando também os contextos em que os falantes utilizam a língua na rede mundial de computadores. Tal estudo parece de suma importância para a sociolinguística.

Inicialmente apresentaremos o corpus, discutindo como a marcação foi encontrada, depois buscaremos entender as justificativas que levam ao uso de tal

marcação, para em um terceiro momento encararmos dois pontos de vista linguísticos diferentes: a) o de um gramático mais tradicionalista (escolhemos Napoleão Mendes de Almeida) e b) o de um linguista estruturalista que já nos anos de 1960 discutia todas as questões morfológicas que apresentamos aqui: Joaquim Mattoso Câmara Jr. Partindo disso, observaremos outra opinião gramatical: a dos gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra, para então sintetizarmos as conclusões a que podemos chegar depois deste apanhado.

2. MEIOS EM QUE A MARCAÇÃO FOI ENCONTRADA

O Facebook® é uma das maiores redes sociais da internet, em que os usuários podem tanto expressar suas opiniões através de links ou textos quanto marcar eventos com pessoas que compartilhem de seus interesses; embora haja um largo uso da variante escolhida para a análise em outros meios, como postes, muros e cartazes, é no Facebook® onde ela se faz mais presente e é muitas vezes discutida. Por se tratar de uma rede social em que quase tudo que é publicado é também visível para inúmeras pessoas e permite um contexto mais claro do que um cartaz, por exemplo, o Facebook® se tornou o meio no qual há maior possibilidade de chamar atenção para a causa através da escrita, disseminando, assim, a aplicação do “x” — cuja finalidade seria atingir todas as pessoas, independentemente do sexo ou gênero, e não somente a relação binária homem-mulher que o “@” abrangia.

Alguns dados foram colhidos para compor o corpus desta pesquisa⁶. Inicialmente listaremos o corpus que conduziu a presente pesquisa — numerando as ocorrências selecionadas —, depois analisaremos algumas ocorrências mais pontuais que introduzem melhor o objetivo deste estudo. As demais ocorrências serão alvo de análise no decorrer do trabalho.

⁶Pesquisa realizada entre Junho e Agosto de 2013.

1: “Nós apoiamos o MPL enquanto movimento horizontal e libertário. Enquanto socialistas *libertárixs*, jamais permitiremos a presença de um agressor no movimento, e continuaremos pautando, junto a Frente de Luta, pela retirada deste sujeito nos espaços de luta pela redução da tarifa em Curitiba. MACHISTAS, RACISTAS, HOMOFÓBICOS, FASCISTAS: NÃO PASSARÃO!”

2: “Todos *convidadx*s, óbeveo.”

3: “Mulherada, rapaziada, queers, enfim... Vamos fazer uma concentração *dxs* estudantes pra Marcha das Vadias? A concentração da Marcha tá marcada pras 11h.

Podemos fazer a nossa desde as 9:30 na Santos Andrade e fazemos uma agitação da Frente, cartazes temáticos sobre a questão da universidade, levamos materias pra se pintar e vamos fazendo um barulho em bloco até a praça do mulher nu. O que que ces acham? Eu me proponho a fazer um evento pela página Pelo Fim do Machismo na UFPR e durante a semana conversamos pra fechar os detalhes.”

4: “O que acham desse vídeo, *moçxs*?”

5: “*Moçxs*, o que vocês acham da propaganda intitulada A Vingança da cerveja Crystal?”

6: “A mudança não vem dos de cima, não vem através de leis, não vem de mulheres que ocupam cargos tradicionalmente masculinos (até porque mulheres também reproduzem o machismo). A mudança só vem através da luta, da mobilização *dxs oprimidxs*, da união. A construção de uma sociedade justa e igualitária depende da

união de todxs nós, que não nos deixamos calar! Vem comigo, e vamos fazer *juntxs* o que eu não posso fazer *sozinhx!*”

7: “Nosso propósito é conscientizar a população a respeito do machismo presente em nosso dia a dia e quiçá fazer com que a partir disso todos repensem suas atitudes para que algum dia possamos celebrar a igualdade.

Pegue uma coroa, tire sua foto e compartilhe aqui com seu nome, idade, o que/onde estuda. Prove ao mundo que *todx somxs princesas!*”

8: “Este é o espaço para um grande bate papo onde vamos levantar e discutir algumas questões sobre a Marcha das Vadias. A ideia é esclarecer o que é o movimento, quais são suas bandeiras e desmistificar alguns apontamentos para deixarmos claros quais são nossos objetivos.

Traga suas ideias e a bandeira do seu coletivo. Venha discutir, agregar, questionar. A marcha é construída coletivamente e todo mundo é *bem-vindx.*”

9: “Acontecerá dia 13 de julho (sábado) a Marcha das Vadias Curitiba e como um “aquecimento” convidamos *todxs* para confeccionarmos cartazes pra levarmos no dia do ato”

10: “Brasil de Fato especial: MOBILIZAÇÕES
Leiam, se deliciem, compartilhem e amanhã *todxs* nas ruas!”

11: “Vamos fazer uma concentração *dxs* estudantes pra Marcha das Vadias?”

Na ocorrência número 8, no último parágrafo, temos “bem-vindx”, flexão que seria coerente numa sentença como “você é bem-vindx”, por exemplo. O trecho “todo mundo” já antecipadamente pede que a seguir haja a concordância com o coletivo em masculino e que a partir dele se faça: “todo mundo é bem-vindo”. Um pouco mais acima, no trecho referente à “Marcha das Vadias”, nos encontramos em um ponto do texto em que a preocupação em abarcar todos os seres humanos — independentemente de suas opções e naturezas sexuais — é deixada de lado por um momento.

Já na ocorrência número 7, na segunda linha do primeiro parágrafo, a palavra “todos” está sem o “x” ocupando o lugar da vogal temática, marcando uma irregularidade de aplicação do uso supracitado. Ao passo que, logo abaixo, na última linha do segundo parágrafo, houve o uso do “x”, tanto na mesma palavra que anteriormente não foi contemplada com tal uso, como na flexão do verbo “ser”, que não aceita um processo de flexão de gênero gramatical.

Em ocorrências como as de número 4 e 5, notamos o pronome de tratamento “moço/-a” que passa à forma “moçx”, ou “moçxs”, no plural.

No caso da ocorrência 10, a marcação com o “x” é feita no determinante, tendo em vista que “substantivos comuns de dois gêneros distinguem o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro determinativo acompanhante” (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 189).

Conforme já mencionado as demais ocorrências listadas pelo corpus reunido serão alvo de análise no decorrer do presente artigo. Inicialmente, tentaremos objetivar na sequência as possíveis razões para o uso do “x”.

3. JUSTIFICATIVAS PARA O USO DO "X"

3.1 "A LÍNGUA É MACHISTA"

O uso do "x" é uma tentativa de, no âmbito da escrita, tornar a língua mais democrática, pois as distinções decorrentes do fato de o gênero neutro ter as mesmas marcas morfológicas que o masculino, no caso da língua portuguesa, gera uma série de discussões e levam até a afirmações como "a língua é machista". Essa discussão está em voga desde que, na França, Olympe de Gouges⁷ criou a "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã" por sentir que a mulher não foi contemplada na prática pela "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão".

Apesar de no contexto atual o machismo ser muito menor, a cultura histórica da sociedade patriarcal que coloca o homem como símbolo de poder e dominação teve um significativo reflexo na língua, e suas marcas são notadas até hoje, em exemplos simples como o de um grupo em que existem nove mulheres e um homem e que será genericamente tratado por "eles". O uso automatizado e generalizado gera um mecanismo de ocultação e discriminação do feminino, mesmo que sem intenção do falante/emissor do discurso, segundo quem defende esse posicionamento.

Essa impressão de falso neutro mostra, segundo os militantes da causa, como o homem é tratado como ponto de referência na humanidade e como a mulher fica à sombra disso. Os defensores dessa ideia buscam uma representação equilibrada entre o masculino e o feminino, e acreditam (conforme veremos adiante) na existência de uma tradição gramatical mais conservadora, que acaba corroborando para que se

⁷Olympe de Gouges: pseudônimo de Marie Gouze (1748-1793). Além de escritora, foi uma grande defensora dos direitos das mulheres e foi condenada a morte pelo Tribunal Revolucionário. Informação de: SILVA, A. T.; NUNES, P. H. *Olympe de Gouges: as mulheres e a revolução*. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/materia/grandes-processos/olymp-de-gouges-mulheres-e-revolu%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

pense realmente que a língua é machista. Contudo, esta não é uma visão adotada pela linguística, algo em que também nos deteremos adiante.

3.2 A TEORIA QUEER⁸

A Teoria Queer⁹ surgiu nos Estados Unidos, nos anos de 1980. Inicialmente, buscava teorizar acerca dos estudos gays e lésbicos, mas, a partir da noção de identidade sexual fragmentada que existe efetivamente, passou a estudar tal instabilidade. Esta teoria afirma que o gênero e a orientação sexual, diferente do sexo, não são determinados biologicamente e sim por uma série de fatores sociais.

Os pesquisadores que trabalham com a Teoria Queer querem que o termo seja identificado com uma forma de viver que vá contra as normas socialmente impostas.

Para a representação da dicotomia masculino versus feminino havia o “@”. Entretanto, com o advento da Teoria Queer e a noção de que a identidade sexual não é exclusivamente binária, o “x” representa muito melhor o leque de possibilidades que a sexualidade humana oferece, por se tratar de uma incógnita; talvez essa seja a razão pela qual se faz o uso dessa letra frente às outras que temos em nosso alfabeto — afinal a letra “x” é a clássica indicação, no campo da Álgebra, para uma incógnita.

Assim, os adeptos aos movimentos sociais, principalmente aqueles que se denominam “militantes” da causa, acham por bem utilizar a marca “x” para combater aquilo que eles julgam ser um machismo — arraigado — na língua.

⁸“Queer” vem do inglês e pode ser traduzido como estranho, raro ou extraordinário.

⁹ Mais informações em: MAS afinal o que é a teoria queer? Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/11727/11727_3.PDF>. Acesso em: 16 jul. 2013.

4. A FLEXÃO DE GÊNERO SEGUNDO NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

Segundo o gramático Napoleão Mendes de Almeida (1963), a flexão de gênero não se dá a partir do gênero real ou físico do animal, senão do gênero gramatical da palavra. Ele também afirma que o “gênero gramatical de um substantivo corresponde ao sexo real do ser que esse substantivo designa”(1963, p. 96) e que, portanto, gênero gramatical corresponde ao seu real ou suposto dos seres.

O gramático também problematiza a questão dos seres inanimados, pois estes não têm sexo definido como os seres mencionados anteriormente. Como exemplo, Napoleão Mendes de Almeida cita o que ocorria com o latim, em que os seres inanimados (tais como objetos ou móveis) são do gênero neutro. Tal fenômeno era muito irregular e, por consequência, não sobreviveu nas línguas neolatinas na maneira anterior, salvo algumas exceções: isto, isso, tudo, algo, nada, entre outros. Portanto, o gênero gramatical que se atribui aos objetos é convencionalizado, baseando-se na terminação ou na significação dos objetivos.

Como se pode notar, a maioria dos substantivos apresenta exceções em relação à definição de seu gênero, apontando (de certa maneira) para o que ocorria com o latim: várias exceções e várias terminações.

Almeida (1963) apresenta, além da definição por terminação, a diferença de gênero de acordo com o que o nome vai se referir. Por exemplo: são substantivos masculinos os que nomeiam montes, mares, rios, meses e ventos, e femininos os que são atribuídos a continentes, ciências e artes, nomes próprios de regiões, cidades, vilas e ilhas. Como esperado, no âmbito da significação também existem exceções.

Há algumas particularidades em relação ao gênero dos substantivos, segundo o gramático: *o epiceno, o comum de dois gêneros, o sobrecomum e a formação do feminino*. Listamos cada um deles a seguir. *Epiceno*: são considerados epicenos os substantivos para os quais o uso consagrou uma única forma, com um único gênero

gramatical para designar os dois sexos. Nessa descrição, entram os polêmicos exemplos tais como baleia macha ou tubarão fêmeo, pois o adjetivo tem que acompanhar o gênero do substantivo e, para Almeida, macho e fêmea são adjetivos flexionáveis. *Comum de dois gêneros*: são os substantivos que não têm gênero gramatical e servem para os dois sexos. O gênero desta categoria “obedece ao sexo e, de acordo com este, flexiona-se o artigo.” (ALMEIDA, 1963, p. 94). Alguns exemplos são: o/a pianista, o/a estudante, o/a selvagem, entre outros. *Sobrecomum*: são os substantivos que possuem gênero fixo e que podem ser utilizados tanto para o sexo feminino quanto para o masculino como, por exemplo, a vítima, a língua, a testemunha, etc.

Também existem substantivos que mudam de significado de acordo com o gênero usado, como *o capital* (dinheiro) e *a capital* (cidade principal); *a cura* (ato de curar) e *o cura* (padre).

O ponto de vista do autor para a *formação do feminino* é apresentado da seguinte forma: a divisão desta categoria pode ser feita, segundo o gramático, em três partes: 1) O substantivo se torna feminino com a troca ou o acréscimo da terminação masculina pela feminina: deputado/deputada, gigante/giganta, zagal/zagala, etc. 2) Substantivos que sofrem alterações no radical antes de receberem a designação feminina ou que vão para o feminino com desinência especial: conde/condessa, herói/heroína, pardal/pardoca, príncipe/princesa, rei/rainha, etc. 3) Substantivos que têm a forma feminina completamente diferente da masculina: bode/cabra, genro/nora, cavalo/égua, homem/mulher, etc.¹⁰

Alguns substantivos têm duas formas que possuem analogia de sentido em intensidade maior ou menor, como é o caso de fosso/fossa, cinto/cinta ou ramo/rama. Também há apenas a aparente flexão de gênero, em que a terminação dos

¹⁰Todos os exemplos advêm da Gramática Metódica do Português Brasileiro.

substantivos atribui outro significado à palavra, como mico/mica, prato/prata, caso/casa, etc.

Ao analisar o enfoque de Almeida — uma visão mais tradicionalista da língua — devemos nos ater também a um viés linguístico e na sequência um outro olhar gramatical, que é o que faremos a seguir.

5. O QUE DIZ A LINGUÍSTICA — A NOÇÃO DE GÊNERO EM MATTOSO CÂMARA JR.

Após análise dos dados do corpus que reunimos, faz-se necessário outro olhar linguístico sobre o tema. Decidimos, portanto, usar as opiniões do estruturalista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. presentes no seu livro *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970).

O autor inicia argumentando que “a flexão de gênero é exposta de maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português” (1970, p. 88). Câmara Jr. critica o fato de se atrelar a noção de gênero a sexo como se faz comumente nas gramáticas tradicionais do português brasileiro: “[o]ra, contra essa interpretação falam duas considerações fundamentais. Uma que o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a animais providos de sexo, quer designem apenas coisas”. (CÂMARA JR., 1970 p. 88).

Vale lembrar ainda que o autor ressalta que mesmo a definição da gramática tradicional que relaciona gênero a sexo enfrenta problemas: o autor aponta o exemplo de substantivos como *testemunha* e *cônjuge*, feminino e masculino, respectivamente.

O autor ainda critica o fato de ser recorrente a maior parte das gramáticas retratarem que *mulher* é o *feminino* de homem; algo assim não poderia ser feito, porque embora homem e mulher sejam sim pares semanticamente semelhantes, trata-se de substantivos fundamentalmente diferentes.

O estruturalista explicita que:

O gênero é uma distribuição em classes mórficas, da mesma sorte que são as conjugações para os verbos. A única diferença é que a oposição masculino – feminino serve frequentemente para em oposição entre si distinguir os seres por certas qualidades semânticas, como para as coisas as distinções como jarro – jarra, barco – barca etc. e para os animais e as pessoas a distinção do sexo, como em urso – ursa, menino – menina (...) que mais podemos dizer, porém, é que o masculino é uma forma geral não marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer. (CÂMARA, Jr., 1970, p. 88).

Nesse sentido, Câmara Jr. quebra os argumentos que insistem em atrelar gênero a sexo, e generalizações que dizem que o masculino é comumente a forma marcada. O autor apresenta um ponto de vista de extrema relevância para a discussão, ao assumir que a forma masculina trata-se na realidade de uma forma geral e não marcada. Logo, não sendo marcada, faz todo sentido utilizá-la para generalizações. Exemplifiquemos:

Menino — forma geral

Menino + (morfema zero) — forma masculina que se opõe semanticamente a:

Menino + a — forma feminina. Essa sim é marcada.

A partir do exemplo que ilustra a argumentação de Câmara Jr., é possível chegarmos à conclusão de que, na realidade, a forma marcada realmente é a feminina, que forma o vocábulo *menina*; essa marcação se faz presente justamente pelo sistema de oposição que estabelece o morfema zero na forma masculina frente ao morfema –a, que marca a forma feminina.

A marcação –o parece ser, na visão de Câmara Jr., a marcação geral. Desse modo, quando se diz: *amanhã todos nas ruas*, como em um dos exemplos analisados no início deste trabalho, percebe-se que o sintagma se refere a um grupo que engloba em geral: homens e mulheres, e a marcação geral corrobora isso, porque é a utilizada para generalizações, conforme apontara Câmara Jr.

Nas ocorrências envolvendo o vocábulo *todos*: “amanhã todxs nas ruas”¹¹ ou “convidamos todxs, moçxs”¹², na visão de Câmara Jr, parece que a marcação –o já desempenha a função pretendida pelo “x”, de se indicar que está falando de ambos os sexos.

Tentemos analisar minuciosamente o vocábulo *todos* nas perspectivas já apresentadas por Câmara Jr:

Todos — Forma Geral –o marca geral, -s marca de plural

Todo + (morfema zero) – s — Forma masculina

Todo + a + s — Forma feminina, essa sim marcada.

No corpus obtido temos frases como: “Vamos fazer uma concentração dxs estudantes”¹³, a marca segue no artigo que antecede o substantivo, fazendo aí a flexão de gênero que, conforme Mattoso, não se faz necessária, visto que a marcação -o é — ao que indica — o gênero neutro.

Após uma análise sociológica, um enfoque gramático e percorrendo um breve caminho linguístico, podemos agora observar como todas essas questões se encaminham em outra gramática — ainda normativa — com um olhar diferenciado do exemplo anterior.

6. O QUE DIZ A GRAMÁTICA DE CUNHA E CINTRA

Em sua “Nova gramática do português contemporâneo” (2008), Celso Cunha e Luis Lindley Cintra descrevem o gênero, no contexto do português brasileiro, de modo diferente da gramática que foi anteriormente analisada: “O gênero do substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.” (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 202).

¹¹Ocorrência 10.

¹²Ocorrências 9, 4 e 5.

¹³Ocorrência 11.

Tal definição salienta que não há correspondência entre o gênero (masculino ou feminino) do substantivo e seu referente no mundo. Também aponta que não há simetria entre a terminação do nome (-o ou -a) e o gênero. Entretanto, essas não são formas sempre equivocadas ao atribuir gênero a um nome.

Pode-se identificar de qual se trata pela anteposição do artigo *o* (no caso masculino) e do artigo *a* (no caso feminino). O emprego do “x” já aparece nos artigos: analisando o dado “dxs oprimidxs”¹⁴, por exemplo, esse uso fica evidente. Outro caso que diz respeito à significação é “são geralmente masculinos: os nomes de homens ou de funções por eles exercidas” e “são geralmente femininas: os nomes de mulheres ou de funções por ela exercidas” (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 203). Tendo como referência esse uso, empregos do “x” tendem a aparecer em casos como: “moçxs”¹⁵ e “libertárixs”¹⁶.

Outro dado corrente durante a análise do corpus é o emprego na forma conjugada do verbo *ser*: “somxs”¹⁷. É interessante deter atenção nesse uso já que a incidência do “x” em substantivos é maior (de acordo com a pesquisa). Segundo Cunha e Lindley: “[o] masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado” (2008, p. 204). Essa definição pode ser exemplificada pelo par “cantor” e “cantora”. As flexões existentes para a flexão do gênero feminino são muitas (como em “consulesa”, “maestrina” e “governanta”).

Relacionando as definições sobre gênero na “Nova gramática do português contemporâneo”, com o uso do “x” no contexto do Facebook®, notam-se certas divergências. O uso do “x” ocupa, por vezes, lugar na flexão dos substantivos que não possuem marca feminina ou masculina, mas abrangem um grupo de seres (como

¹⁴Ocorrência 6.

¹⁵Ocorrências 4 e 5.

¹⁶Ocorrência 1.

¹⁷Ocorrência 7.

“libertárixs”). Outro exemplo é esse uso nos artigos, que aponta para a concordância e não para a não flexão do gênero (exceto em casos como “xs estudantes”).

7. CONCLUSÃO

A militância contra um suposto machismo no português brasileiro envolve obviamente um posicionamento político, e, como todo posicionamento, envolve polêmica. No caso apresentado neste trabalho, a polêmica transcende o ambiente do discurso e atinge o ambiente gramatical. Ou seja, não mais é o discurso o vilão da história da humanidade como tem sido há séculos, não é mais a persuasão, ou o meio pelo qual as pessoas exprimem suas intenções e exploram o dom do convencimento. Agora o papel de vilão é cedido à língua, pois depois de muitos anos descobriu-se que não é a articulação dos argumentos o que constrói um pensamento machista (ou de qualquer outro tipo), e sim a língua em si mesma, a sua estrutura. Não acreditamos nisso. Por esse viés, o “x” dá conta de abarcar todos os seres humanos quando num texto escrito, no entanto essa adoção se faz quase impraticável na pronúncia. Sendo assim, o discurso é restrito ao meio gráfico. Com o corpus colhido, foi possível notificar irregularidades nesse uso, como por exemplo: enquanto algumas palavras receberam a marca “x”, outras que também estariam marcadas por um só gênero não receberam esta mesma marcação.

Como percebemos ao longo desta pesquisa, mesmo que haja uma tradição gramatical que atrela gênero a sexo, como observamos ao estudar a gramática de Napoleão Mendes de Almeida, a língua — por assim dizer — não faz tal associação. Em outros termos: a mesma não é machista. A marcação de gênero dita masculina na verdade trata-se do gênero neutro do português, conforme também podemos constatar com o enfoque de Mattoso Câmara Jr. e até mesmo com a outra gramática analisada, a de Celso Cunha e de Lindley Cintra.

Reparamos que o “x”, como marca de gênero nas palavras do corpus analisado, parece carregar consigo uma noção de inclusão. A intenção final de quem faz uso dele parece ser a de incluir todas as pessoas. Tal uso, como comentando anteriormente, costuma aparecer em convites para manifestações dos movimentos feministas. Os exemplos que compõem o corpus confirmam que o uso do “x” acontece, em maioria, nesses eventos.

Notamos também que o uso do “x” não segue qualquer tipo de regularidade no ponto de vista linguístico, visto que há verbos que aparecem flexionados: “somxs”, presente do verbo *ser*. Também notamos a presença — em geral — da flexão em gênero e número de substantivos: “libertarixs”, “moçxs”. E, é claro, o pronome indefinido: “todxs”.

A referida consoante é inserida arbitrariamente. Queremos dizer que ocorre de em um mesmo texto haver duas palavras iguais em que a primeira não seja grafada com a inserção do “x”, enquanto que na próxima, linhas a seguir, ele acaba sendo grafado. Além disso, foi possível apreender que a marca é utilizada especialmente em enunciados, inícios e fins de textos, talvez por ser nesses pontos textuais que o leitor despende de mais atenção. Por fim, pudemos confirmar que a adoção de elementos gráficos para defender um discurso não é novidade. O uso do “x” como marca de gênero no português brasileiro acaba sendo utilizado também como forma de protesto, e o “x”, por carregar a noção de “incógnita” relacionada com a Teoria Queer, acaba sendo mais utilizado do que o “@”, já que pode abarcar todos os seres humanos. Mostramos aqui que ficou bastante claro que o “x” é a marcação que vem sendo mais utilizada nos meios que analisamos e, talvez por isso, seja na mesma medida polêmica. Levando em consideração esta conjuntura, o presente tema pode ser mote de mais estudos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

ALKMIN, T. M. "Sociolinguística. Parte I". IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 1, 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006. Pp.21-47.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ªed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FIGUEIREDO, T.. *O machismo da linguagem*. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2012/06/o-machismo-da-linguagem/>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

SILVA, A. T.; NUNES, P. H. *Olympe de Gouges: as mulheres e a revolução*. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/materia/grandes-processos/olymp-de-gouges-mulheres-e-revolu%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

MAS afinal o que é a teoria queer? Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/11727/11727_3.PDF>. Acesso em: 16 jul. 2013.

Submetido em: 06/03/2015

Aceito em: 11/04/2015